



Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo

Foto: Divulgação

PATRÍCIA PEDROSA

“Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo”

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

A mostra reúne vinte trabalhos inéditos – entre gravuras, vídeo-performance, cerâmica, livro de artista e um sketchbook – nos quais a artista toma o próprio corpo feminino como matriz e medida. Ao articular experimentações gráficas, bordado, colagem, estêncil e suportes como papel vegetal e tecido, Patrícia investiga memória, somatizações e cicatrizes que atravessam a vida, criando obras que refletem processos de ruptura, cuidado e reconstrução

A exposição reúne um conjunto de trabalhos inéditos produzidos entre 2021 e 2025, período em que a artista intensificou sua investigação sobre a gravura e suas expansões possíveis. Na mostra, Patrícia compartilha um percurso marcado por atravessamentos íntimos e coletivos, nos quais a linguagem gráfica se desdobra para além das técnicas tradicionais e encontra novos modos de existir.



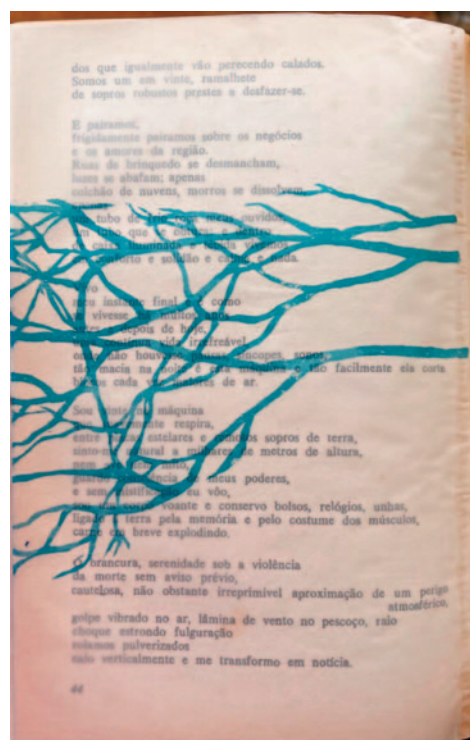
Obra da artista

Foto: Divulgação

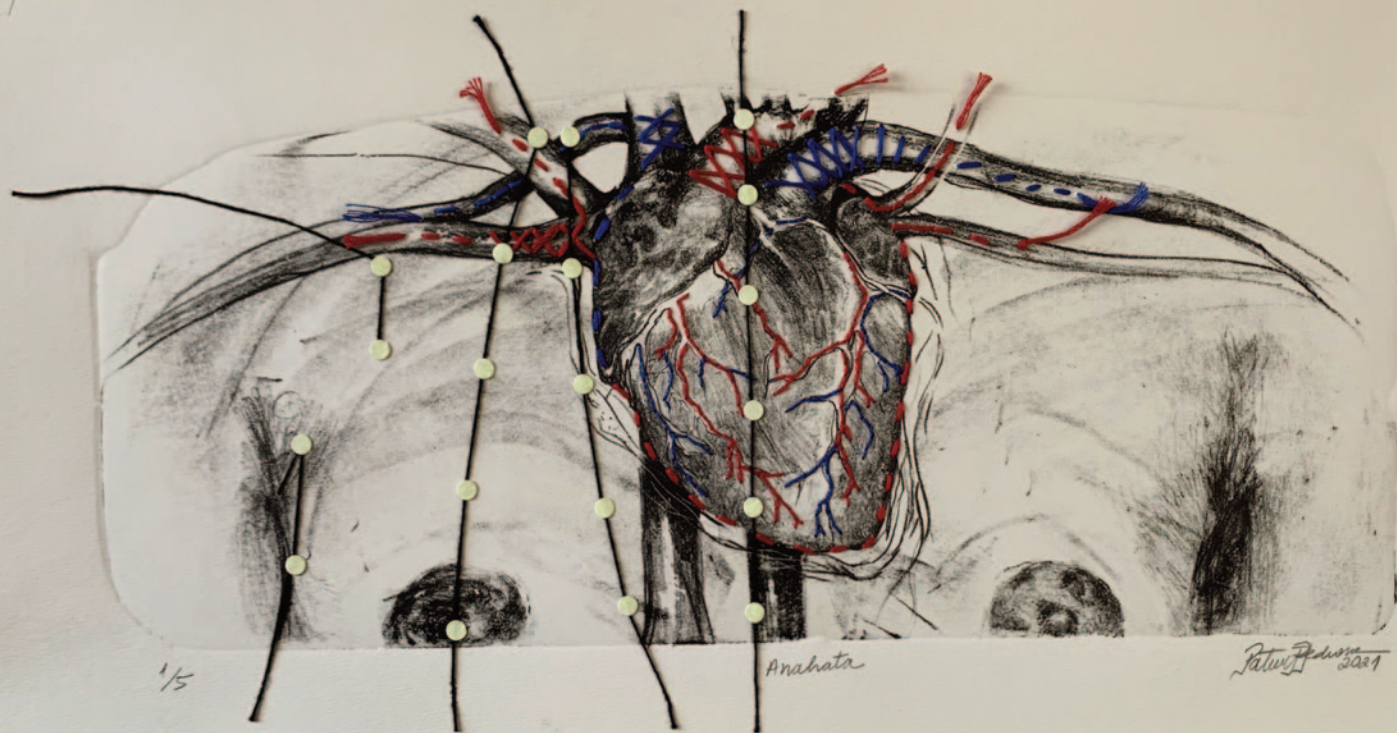
Composta por 20 trabalhos – dezesseis gravuras, uma vídeo-performance, uma cerâmica, um livro de artista e um *sketchbook* – a mostra evidencia o modo como Patrícia Pedrosa expande a gravura para territórios híbridos. Suas obras articulam técnicas variadas, como bordado, colagem, recortes, pintura e procedimentos xerográficos, criando camadas que tensionam superfície e materialidade. O uso de suportes como papel vegetal, tecidos bordados em bastidores e tintas fosforescentes reforça esse interesse por deslocar a tradição gráfica para outros campos de experimentação, produzindo composições que se constroem entre transparências, cortes, marcas e sobreposições.

A pesquisa de Patrícia Pedrosa se estrutura a partir do corpo feminino e das marcas que o atravessam – cicatrizes físicas e simbólicas que se acumulam como registro das experiências somatizadas ao longo dos anos. Durante o período da pandemia de Covid-19, esse campo de investigação ganhou novos contornos. O isolamento em seu ateliê e a ruptura da rotina coletiva intensificaram a percepção da artista sobre finitude, fragilidade e transformação.

Entre os trabalhos apresentados, destaca-se o livro de artista construído a partir de um exemplar da segunda edição de *Conheça o escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade* (1978), recebido por Patrícia ainda na adolescência, como prêmio em um concurso de poesia. O gesto de intervir nesse livro – extraindo palavras e versos para outras composições e devolvendo ao objeto camadas de desenho, recorte e inscrição – insere a literatura como parte constitutiva de sua própria



Livro de artista
Fotos: Divulgação



Anahata, 2021

Foto: Divulgação

memória corporal. O *sketchbook* reunido entre 2021 e 2025 amplia esse campo, abrigando anotações, referências, estudos e passo a passo dos processos que conduziram às obras, revelando a trama íntima entre pensamento e gesto.

A cerâmica apresentada também nasce diretamente do corpo: moldada a partir dos próprios seios da artista, a peça se quebrou em várias partes durante a queima, mas registrou uma fratura mais evidente sobre o seio esquerdo, que havia passado por uma cirurgia em 2017. Mantida guardada por dois anos, a obra foi retomada em 2025; logo depois a artista passou por uma nova intervenção cirúrgica nessa mesma área. Nesse processo, Patrícia reuniu os fragmentos e concluiu a peça, inspirada na estética e no conceito do *kintsugi* — tradição japonesa que evidencia as fissuras ao invés de ocultá-las —, utilizando materiais contemporâneos para promover essa sutura simbólica. Como em toda a série, o tamanho real das peças deriva diretamente das medidas do seu corpo, reafirmando a centralidade da

anatomia como matriz e matéria de trabalho. “A artista decompõe as dimensões do seu corpo em gravura e o expande na figura de uma trindade feminina, deusa tríplice que faz das suas vivências matéria de seu ofício”, destaca Ana Chaves, que assina o texto crítico que acompanha a mostra.

Ao reunir trabalhos que partem diretamente das medidas e das vivências do próprio corpo, Patrícia Pedrosa aciona uma espécie de cartografia íntima, na qual cada obra opera como registro e reflexão. “O corpo é o nosso projeto mais honesto — ininterrupto e irrevogável. Ele é redesenhado todos os dias por sentimentos, hábitos, escolhas e interações”, afirma a artista, para quem o ato de expor o corpo — seja em escala, em gesto ou em memória — amplia o campo dessa pesquisa. Sua produção se aproxima do que ela chama de autobiomórfica; uma forma de dar materialidade às marcas deixadas pelo tempo e pelas somatizações, sem dissociar adoecimento de cura. Ao tornar visíveis essas camadas, a artista desloca a gravura para uma zona em que

anatomia, fantasia e experiência se entrelaçam, produzindo obras que tensionam vulnerabilidade, reconstrução e presença.

As obras inéditas reunidas em *“Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo”* nascem desse tempo suspenso, em que o ritmo da vida sofreu torções profundas e a relação com o próprio corpo se tornou um território ainda mais sensível de observação e elaboração.

SOBRE A ARTISTA

Patrícia Pedrosa (1971, São Gonçalo – RJ) possui bacharelado em Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e atualmente é a docente responsável pela disciplina de litografia na mesma instituição. Participa de individuais e coletivas desde 1992, tendo ministrado cursos, work-

shops e oficinas. É doutora em Artes Visuais pela EBA – PPGAV – UFRJ e mestre na mesma escola, na linha de História e Crítica da Arte. Em 2025 recebeu Menção Honrosa na *Kitchen Print Biennale de l’estampe* (Épinal, França), uma competição com ênfase em pesquisas artísticas na gravura alternativa e não tóxica. Atualmente se divide entre o trabalho no seu ateliê em Petrópolis (RJ) e o Rio de Janeiro, onde leciona na Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ.

SERVIÇO

Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo,
de Patrícia Pedrosa

Até 17 de janeiro de 2026

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita



Rosto e alma,
2021

Foto: Divulgação